



## Reflectindo

**G**UARDO e reflecto de novo o ensinamento de D. João, em Fátima, na reunião dos Padres da Rua.

Obra da Rua — Família já tão numerosa!

Obra — grande Família!

Assim deve ser vencendo as distâncias — Casas de Portugal, Angola e Moçambique — pelo fundamento, princípios, comunhão e amor fraterno.

Ao chamamento do Senhor para servirmos os Seus preferidos (os mais pobres) podemos chamar alicerce de pedra dura.

O serviço aos mais pobres numa radicalidade que tenta pôr os pés nas pegadas de Jesus — radical na instauração do Reino e fazendo sempre a vontade do Pai.

Os Pobres...

«União carinhosa e amorosa com eles; serviço animado pelo Amor de Deus (Caridade); límpido, sem irritação, sem acepção de pessoas.»

É, só assim.

Por mim, reconheço com pena o quão longe estou desta pureza. Revejo-me no

meio dos deslocados de guerra, carentes de tudo, por vezes irritado e sem aquele carinho amoroso.

Alguns roubam, outros enganam... Natural e sem culpa quando a força imperiosa da sobrevivência domina e comanda.

Necessário termos um coração de pobre para que a chama viva da Obra continue.

Também as palavras do Bispo me levaram a reflectir na superocupação em tantas coisas: Da vassoura ao tractor; do gato às vacas leiteiras; da agulha ao calçado; o acidental no lugar do essencial; a massa de rapazes no lugar de cada um com o seu nome e seus problemas.

A esta reflexão acrescento o sentir do que me parece uma grande lacuna: Um lugar acolhedor e confortável para os mais velhos — padres, senhoras e (porque não?) para alguns rapazes com velhice infeliz.

Sermos Família em espírito e verdade!, e transpormos isso para a vida prática e quotidiana.

Padre Telmo

## Cultura da Vida

**H**OJE é o Domingo da Transfiguração de Jesus segundo S. Lucas. Para vencer nos Seus discípulos o terror do sofrimento e da morte que, para Ele próprio se avizinha e cujo anúncio tinha causado tanto escândalo a Pedro, antecipá-lhes a visão do esplendor da Vida para que compreendam que a Vida é e pela morte passa-se.

Obedecendo à ordem do Mestre, os três Apóstolos guardaram este segredo até à Ressurreição. Mas depois, constituem-se e permanecem para os discípulos de todas as gerações, testemunhas deste acontecimento o qual, mais do que milagre, é pedagogia: Jesus é a Vida. Veio para que os homens «a recebam e a tenham em abundância».

O Cristianismo é a Cultura da Vida. A vontade do Fundador não é «a morte do pecador, mas sim que se converta e viva». «Para isso veio...» — insisto. E a Sua Transfiguração — lembra-nos S. Leão Magno — é «um fundamento sólido à Esperança da Igreja, de modo que todo o Corpo de Cristo pudesse conhecer a transfiguração com que ele também seria enriquecido; e os seus membros pudessem contar com a promessa de participação daquela glória que primeiro resplandecera na Cabeça».

E acrescento o mesmo Santo Padre, à guisa de conclusão: «Sirva, portanto, a proclamação do Evangelho para confirmar a Fé de todos; e ninguém se envergonhe da Cruz de Cristo, pela qual o mundo foi redimido».

A Doutrina Cristã sempre professou a correlação Cruz-Glória. E sempre contou

entre as obras de misericórdia, o «dar sepultura aos mortos». E a Escritura mais antiga refere e louva este empenho corajoso de Tobias e a piedade de Judas Macabeu que projecta já a memória dos finados no culto que promove e diz da sua crença na «comunicação dos santos» e na Vida que a todos espera para além da morte. Este culto enraizou na Tradição e tem o seu lugar firmado na oração da Igreja. Mas não pode, não deve ensombrar o primado, que Lhe pertence defender e afirmar: Ela, «para quem todos vivem», é Mãe e Mestra dos que militam no mundo e por isso os primeiros na Sua solicitude pastoral.

\*\*\*

Com certeza os meus Leitores, que são bons entendedores, repararam já que algo mais estará como pano de fundo a esta reflexão.

Nem podia deixar de estar, tal a singularidade e a conseqüente surpresa chocante do evento que feriu profundamente populações da nossa vizinhança. Gente cristã, capaz de ver a dura provação a que foi sujeita com olhos que não são apenas os da cara e que têm direito a uma sincera e solidíssima solidariedade de quantos lha possam prestar, em muitas espécies e modos que não apenas as de expressão material. Pois esta gente viu-se agredida por uma comunicação televisiva despropositada,

Continua na página 4

## BENGUELA

### Casal de médicos

**R**ECEBI, ontem, uma visita muito simpática. Um casal de médicos, no princípio da sua vida, veio a Angola, por um ou dois anos. Integrado numa Organização não-governamental, «Leigos para o Desenvolvimento», veio fazer a experiência no meio do povo. Apetece-me cantar com a gente que vai beneficiar do seu trabalho, inteiramente gratuito, feito por amor.

Conversámos muito. Como são médicos, um dos assuntos quentes da nossa conversa foi a ausência de médicos portugueses junto do povo de Angola. Sabemos que a área da saúde é das mais sensíveis à população. Se o é em qualquer parte do Mundo, em Angola, atormentada por carências substanciais, a sua presença é tão querida como o pão para a boca. Estou convencido de que Portugal saldaria parte importante da sua dívida para com Angola com o investimento humano no campo da saúde. Nesta fase, sobretudo, seria um factor determinante para a presença de Portugal no coração do povo.

Os Postos de saúde estão espalhados pelos bairros suburbanos, assistidos por Religiosas enfermeiras e outro pessoal auxiliar. A presença do médico no coração das pessoas, pertinente dos seus problemas, comunicaria mais segurança e eficácia.

A experiência deste casal será muito rica para eles,

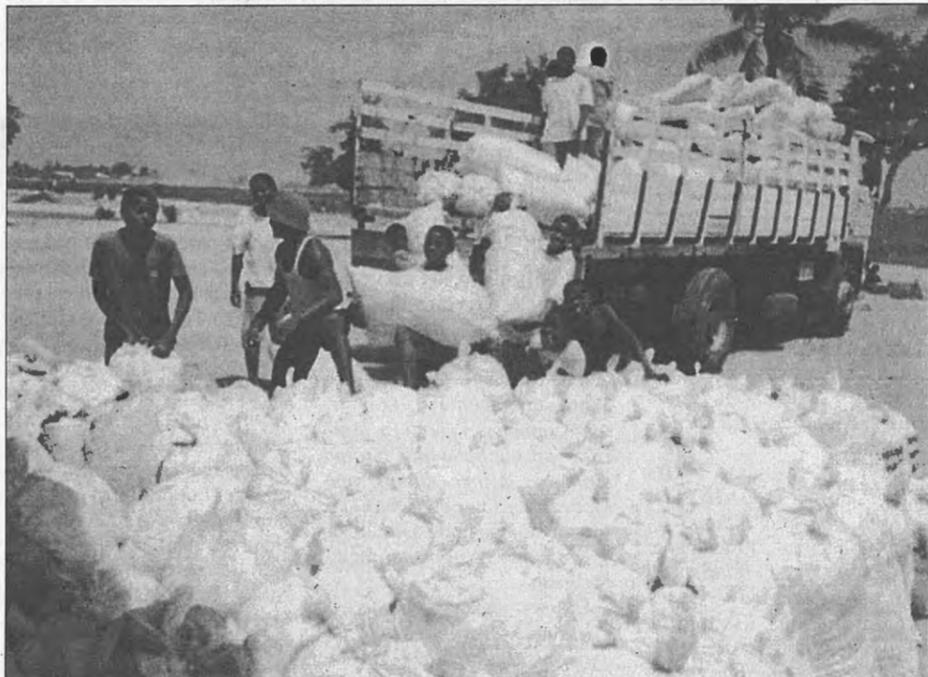
por certo, e não poderão contabilizar todo o bem que vão fazer à população anónima que constitui a maioria dos cidadãos desta pátria. Quem dera viessem mais, muitos mais, enquadrados em estrutura simples, com objectivos bem definidos, mas com a flexibilidade suficiente que lhes permita alargar a sua acção aonde for mais urgente. À medida que vamos a caminhar, de mãos dadas com a população, apercebemo-nos dos problemas que estorvam o verdadeiro crescimento humano e jamais podemos descansar.

Passei, ontem de manhã, pelo Posto Médico, em nossa Casa, ao cuidado das Irmãs do Santíssimo Salvador, e fiquei contente por ver muita gente a ser atendida. O laboratório de análises também funciona. A Irmã responsável correu a perguntar-me da possibilidade de encontrar reagentes para o seu trabalho de laboratório. Vou tentar, pois se trata dum meio auxiliar muito importante. Não fosse a Igreja com seus filhos dedicados ao serviço incondicional das populações, as desgraças seriam muito maiores. É bom que se saiba do trabalho abnegado, sem descanso, de tantas Religio-

sas que consomem suas vidas ao serviço da vida dos seus irmãos. Não são mercenários. Não estão presentes na mira do negócio. É o amor gratuito que conta. Bendito seja Deus que Se revela no carinho das suas criaturas! O casal de médicos, de que vimos a falar, também não se apresenta como mercenário. Faz a experiência do amor gratuito. Que maravilha, quando parece que tudo se compra com dinheiro e já não há espaço para a gratuidade, para a comunhão, para o dom! Esta Organização é bem diferente de quase todas as outras que, a par do bem que fazem, gastam grande parte do dinheiro dos doadores na logística e em salários.

**A**S aulas começaram em nossa Casa e lá fora. Tem sido uma azáfama fatigante, mas consoladora. A Teresa não tem mãos a medir a distribuir cadernos, lápis e esferográficas. São as mães a pedir com os filhos pelas mãos. Milhares de cadernos, lápis e esferográficas postas nas mãos levantadas, com os olhos a sorrir. Tudo isto veio de vossas mãos! Como deveis

Continua na página 4



Benguela: Carregamento da safra do algodão.

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**NOVOS POBRES** — É um homem que nos aborda só em última instância. Agora, é pensionista. Noutros tempos, foi um bom encadernador, cuja arte nos parece desaparecer — com a evolução tecnológica!

Nós conhecemos a riqueza artística dos antigos encadernadores, cujos trabalhos são guardados em bibliotecas, em residências que primam por obras de valor.

O dito homem, já idoso, tem a mulher, também idosa, bastante doente. Ela foi hospitalizada e, agora, sofre de um mal que lhe apareceu e doutros males, também.

O marido escreve-nos um S.O.S.:

*«Peço fervorosamente que aceitem o meu pedido — uma ajuda à minha mulher para que se restabeleça da sua saúde. Agora, está muito débil. Além do mais, partiu quatro costelas. Precisa de cuidados alimentares para melhorar e de medicamentos...»*

Passámos recado ao merceiro, melhor, à esposa. Dissemos quanto deveria entregar, discretamente, ao pobre homem — como se fosse um cliente normal da sua pequena empresa.

Obviamente, o marido da doente tem o dinheiro da pensão muito bem contadinho! Não poderia nem poder ir além do que está superiormente estabelecido pela Segurança Social.

Enfim, estamos procurando resolver uma parte importante do problema porque ele não teria hipótese de bater a outra porta.

**A VOZ DO PAPA** — Na reza do Angelus: *«Pedi a ajuda de Maria para que Jesus nos ensine a ser humildes, porque sobre os humildes se pouso o olhar de Deus; para fazer-nos compreender, cada vez mais, o valor da oração, do silêncio interior, da escuta da Palavra de Deus; para que nos empurre a uma procura íntima e sincera da vontade de Deus, ainda que ponha em crise os nossos projectos; para que nos ajude a servir o Senhor repartindo o nosso tempo e as nossas energias com os necessitados.»*

**PARTILHA** — Mais um cheque, de cinco mil, expedido por uma Leitora de Areias (Vila do Conde), *«ajuda aos mais necessitados, na farmácia.»*

Minde: A assinante 14708 salda contas n'O GAIATO e *«o resto é para os Pobres»* — disse. O habitual, do assinante 13865, do Porto, *«relativo ao mês de Fevereiro»*. Outra migalhinha das assinantes 47307 e 49610, com a sua *«mensagem de amizade e estímulo junto dos mais infelizes. Deus vos ajude!»* Obrigado.

Um remanescente da assinante 20703, de Ovar, *«por alma do marido»*. O cheque mensal da assinante 31104, de Lisboa — há quantos anos, já! O assinante 18913, do Porto, *«dá graças a Deus por mais uma vez estar presente, embora de maneira tão simples, com dois mil escudos»*. Outro remanescente (*«não é necessário agradecer!»*), pela mão da assinante 10701, de Miramar. Contribuição da assinante 56094, de Queluz, com três objectivos, sublinhando *«que é pouco, mas dado com amor aos nossos irmãos mais necessitados e louvando sempre a Deus»*.

Mais um cheque para O GAIATO e cinco mil, para os Pobres, do assinante 9313, de Silvalde (Espinho). Luso: Idem, do assinante 53241. O *«insignificante contributo mensal»* da assinante 20768, de S. Mamede de Infesta. Quinze mil, da assinante 14493, do Porto. Cantanhede: Outro cheque, do assinante 17991, *«para o que for mais necessário»*. Aguiar da Beira: Vinte mil, do assinante 24981 e *«não é preciso acusar a recepção»*. Mais um resto, do assinante 57451, de S. Mamede de Infesta.

O *«pequeno-grande contributo»* do assinante 17380, de Constantim (Vila Real): *«Como sempre, leio O GAIATO. Não ponho nada de parte. A sua leitura é, para mim, indispensável»*. Creixomil (Guimarães): O assinante 9542 salda contas *«e o restante será para ajudar os Pobres»*. Idem, do assinante 69870, do Fundão. Dez mil, do assinante 65939, de Parede.

Porto: A assinante 113 também põe a anuidade d'O GAIATO em ordem e sublinha que *«as sobras do cheque gostaria que fossem entregues»* à nossa Conferência. Oeiras: Mãe e filha, assinantes 31682, pedem *«para se aplicar o resto no que for mais urgente»*. Cumprimos. Dez mil, da assinante 63668, do Porto, idem. Lisboa: *«Uma pequena contribuição»* da assinante 33504: *«migalha para tão grandes necessidades»*. Porto: Assinante 68013 com *«pequena quantia para o vosso Jornal e o restante para um Pobre da vossa Conferência»*. Meadela: Com um simples bilhete, o assinante 59577 manda cinco mil — *«é com amor esta insignificância»*. Vales de correio: *«Uma portuense qualquer»*, doze mil; cinco, da assinante 51025, de Oliveira de Azeite; dez, da assinante 66815, de Monção. Por fim, um cheque da assinante 70776, de Rio Tinto, que acentua: *«O montante remanescente será utilizado em qualquer das muitas situações de necessidade que todos os dias vos aparecem»*. É mesmo assim, a nossa vida!

Em nome dos Pobres, muito obrigado. O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**ESCOLA** — Depois das férias do Carnaval retomou a sua actividade. Os rapazes têm que estudar muito porque o período é grande.

**OBRAS** — A casa da mata está a ser reconstruída. Era aí onde o nosso Pai Américo descansava. Vai mudar muito por dentro, mas por fora fica tudo igual.

**ÁRVORES** — Caíram duas, no campo da bola. Partiram o muro e tudo isto deu trabalho para dois dias. Temos de reconstruir parte do muro.

**CARNAVAL** — Os nossos rapazes não brincaram tão bem como no ano passado. Não deu para brincar porque choveu. Mas os mais pequenos divertiram-se no salão de festas.

**CARA NOVA** — Recebemos mais um. O Tiago, da Maia. Tem doze anos e anda na terceira-classe. Ele cá está mais feliz do que lá fora. Aqui tem tudo o que precisa para ser um homem na vida.

Filipe David

**DESPORTO** — Tivemos a visita dos atletas que compõem a equipa de futebol da Junta de Freguesia de Cête, da qual o seu Presidente também foi gaiato como todos nós — o Carlos Gonçalves. Foi precisamente em conversa com ele que surgiu a ideia de um jogo de futebol com o nosso escalão de infantis no dia de Carnaval.

Não foi fácil a preparação da equipa, pois todos querem um lugar ao sol. Mas, pelo facto de o resultado não ser o mais importante para nós, não nos ficava muito bem deixar que os nossos vizinhos nos viessem *desfeitear a casa*. Fizemos então um treino especial no Domingo anterior ao Carnaval para, assim, seleccionarmos os *«craques»*. No treino, e porque na verdade eram mesmo só os mais pequenos, às vezes mais parecia um jogo da hora do recreio, do que um treino com a importância de se preparar o grande.

Enquanto o treinador fazia com que os guarda-redes fossem dando cabo das costelas, caindo para o chão à procura da bola, antes que ela entrasse na baliza, o *«Doutor»* dava preparação física aos restantes atletas. Gostei de ver!

O *«Doutor»* dava o exemplo de como se havia de fazer. Aquilo que ele muitas vezes não gosta quando o seu técnico dá a preparação física. Espero que nenhuma equipa da primeira Liga o venha cobiçar! Bem sei que não está convencido de que é um técnico com rodas para andar... Mas, por vezes, as pessoas nestas pequenas coisas ganham ilusões e sonham muito alto. É normal sonhar. Até eu sonho... Mas só quando estou a dormir.

Voltando ao grande jogo de Carnaval. O adversário chegou às 14.30 h., e trazia alguma assistência. Os pais e os amigos faziam *«claque»*, e, apesar de ordeiros, puxavam pela sua equipa. Só que em nossa Casa mandamos nós. Somos muitos, e, neste caso, muitos e bons. Somos aqueles que ninguém quis, e por isso, e com todas as nossas boas atitudes, somos sempre melhores do que aqueles que tudo têm e nada lhes falta!...

Chegada a hora, o árbitro deu início ao jogo (o Paulo também está sempre disponível), e a redondinha começou a rolar; e rolava que era uma maravilha nos pés daqueles atletas de palmo-e-meio. Dava gosto ver alguns a arregaçar as mangas, apesar da chuva e do frio para conseguirem vencer o adversário. É o que acontece com o Ricardo Sérgio, que tem apenas nove anos de idade. É mesmo palmo-e-meio, não tem altura nem físico, não é daqueles que come bifes todos ou quase todos os dias, mas permitam-me que vos diga: — Que luxo de jogador, que toque de bola, que habilidade, que foça de vontade ele tem, que génio!... Ah grande Ricardo Sérgio! É este Ricardo Sérgio que eu vejo quase todos os sábados de manhã, avenida abaixo com as sacas da roupa, da rouparia para as casas de cada um com as que hão-de vestir. E, por vezes, parece mesmo um *«carnaval»*, quando ele ora deixa cair uma saca, ora apanha aquela e deixa cair outra. É um amor! Anda sempre com um riso nos lábios! Tudo o que faz, faz a rir.

Ainda falando do grande jogo, tudo correu bem. Foi um dia cheio de vedetas, mas com uma pequena diferença: nenhuma delas ganhou as centenas de contos, como aqueles... que saltaram em Ovar, Estarreja, Mealhada, etc.

Antes de terminar, queremos deixar uma palavrinha amiga, de reconhecimento, a todos os miúdos que fazem parte da equipa da Junta de Freguesia de Cête, e à pessoa que normalmente treina os mesmos, o Tiago; bem como a todos os que se dispuseram, nesse dia de euforia, por muitos lados, e que na realidade se ficaram por este convívio com os nossos rapazes. A todos, bem hajam.

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

**VISITA** — Em nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e no Lar de Coimbra, recebemos a visita do Padre Custódio, de Moçambique, que acolhemos com grande entusiasmo e carinho.

Na hora da despedida ficámos tristes pela sua partida.

**TRABALHO** — Cada vez mais há rapazes que acabam os

seus estudos e começam a trabalhar fora. O Vítor vai para a Renault a fim de aprender a vida *«lá de fora»*.

**EXCURSÕES** — Temos recebido algumas para conviverem connosco, partilhando as coisas que trazem. A todos vós o nosso obrigado!

**TEATRO** — Fomos convidados a assistir à peça *«O Principezinho»*, no Cine-Teatro Gil Vicente pelo nosso ensaiador, o senhor Taborda. Gostámos muito de assistir à peça e manifestamos aqui o nosso agradecimento.

**CHEIAS** — Algumas das nossas terras ficaram alagadas pelas cheias que têm acontecido nos pastos, nos últimos tempos. Graças a Deus não foi nada de grave.

Ângelo

## SETÚBAL

**PASSEIO** — Fomos passear ao Parque das Nações. Mas só os distribuidores d'O GAIATO, a convite do Sapo da Internet. Andámos nos carrinhos. Vimos um filme e um teatro sobre Camões. E, ainda, uma exposição sobre Música com muitos instrumentos a tocar sozinhos, com sons muito bonitos. No fim, ganhámos uma consola das boas, com jogos divertidos e uma televisão. O nosso Padre Aclílio levou a consola para a Mediateca, para todos poderem jogar sem prejudicar o estudo da gente.

Alexandre Rodrigues

**VISITA** — Esteve connosco o nosso Padre Telmo. Visitou a Casa, a quinta e as oficinas e gostou de ver a malta a fazer as coisas. Depois do Terço falava com a gente, a contar histórias da vida dele e da Casa do Gaiato de Malanje. Gostámos muito de o ouvir.

Carlos Nascimento

**VINHA** — Agora, andamos a dar química à vinha. Primeiro, tiramos a casca seca às cepas, até ficarem bem limpas. Depois, é que damos a química. A primeira, é para matar os bichos, e a segunda para proteger as cepas. No fim, passamos com o tractor e deitamos o produto, a mondar a erva daninha com a fresa. A seguir é com a enxada, a limpar onde o tractor não chegou. Assim é que ficamos com a vinha bonita e bem tratada.

Carlos Firmino

**TORNA** — Comprámos uma máquina para furar paredes. A torna parece um berbequim, só que é muito grande. Como é muito pesada tem de ser alguém com força para aguentar com o peso e ser capaz de trabalhar com ela. A máquina é muito potente e fura

as paredes depressa e sem estragar muito. Só é pena ter custado muito dinheiro, mas é uma boa ajuda para as obras que estamos a fazer em nossa casa da Arrábida.

Ricardo Garcia

## TOJAL

**CARNAVAL** — O pessoal está de férias, o que quer dizer que aproveitámos esses poucos dias para organizarmos melhor as coisas que faltam concluir para a grande Festa dos Gaiatos. Os mais brincalhões, porém, vão fazendo as suas palhaçadas. É Carnaval, ninguém leva a mal!

**VACAS** — Abatemos uma, para as nossas refeições. Ela já não dava leite; mas gostamos muito da carne de vaca. Não estava *louca*, é nossa!

**CONTENTOR** — Já foi carregado e partiu para Malanje. Esperamos que chegue devidamente ao seu destino, aos nossos irmãos gaiatos, de África.

**VIAGENS** — Tivemos connosco os nossos Padres Telmo, de Malanje; Manuel António, de Benguela; José Maria, de Maputo. Vieram para uma reunião com os Padres da Rua.

O nosso Padre Telmo regressará brevemente a Malanje. Permanecerá durante algum tempo entre nós, em descanso.

Abílio Pequeno

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — A Caridade e a Fraternidade são duas riquezas que o ser humano possui dentro de si. E só se vêem e sentem através do coração. *«O essencial é invisível para os nossos olhos.»* O início deste milénio tem-nos demonstrado isso mesmo: Na festa do nascimento do Menino Deus. E também aqui, infelizmente, nas cheias que varrem o nosso País.

Foi bonito vermos grandes refeitórios cheios de irmãos nossos, necessitados de carinho, de fraternidade, nessa noite terem quem lhes desse uma palavra de conforto, de amor e quem lhes servisse uma refeição quente. Que bom seria para o mundo se *«todos os dias fossem Natal!»*

Foi lindo ver as equipas de socorro e gente voluntária, em auxílio dos irmãos aflitos nestes dias de cheias. Outros que se dispuseram a dar acolhimento aos que ficaram sem



## Correspondência de família

**NOTA DA REDACÇÃO** — Faltou esta rubrica na Colaboração dos Leitores alargada, que marca o jornal de aniversário.

Aqui vai hoje. É do *Quim do Porto* que, sem nome, há pouco aqui foi referido em *Notas do Tempo*.

«Sydney, 12/02/2001

Querida mãe:

Estávamos em 7 de Janeiro de 1958 quando te conheci, ao pegares nos meus deditos de três anos para os aqueceres entre as palmas de tua mão.

A forma tão suave como o fizeste, ficou na minha memória para sempre como a carícia mais humana que sentira até então. O meu coração adoptou-te como mãe desde o primeiro ins-

tante e gostaria para sempre que fosses só minha, minha mãe. Passou um ano até que o teu ginginha partiu «para o Sousa», para onde queria ir com o Carlitos, sem saber que a minha inocência apagaria, por longos períodos, o perfume das tuas carícias, minha mãe.

A partir de 62, sempre que regresses ao Lar no cumprimento dos deveres de distribuidor d'O GAIATO, os nossos corações cruzaram-se e as tuas mãos deixaram-me marcas de carinho memoráveis. Eras, naqueles momentos fraternos, a mãe que sempre desejei, minha mãe.

Enquanto estudante no Lar, o teu olhar sereno acompanhado do teu sorriso contagiosamente generoso e das tuas doces palavras de mãe, tranquilizavam-me, minha mãe.

No Verão de 85, quando te dei a conhecer a minha filha com a idade que eu tinha quando te conheci, a tua alegria de sorriso generoso e doce abraçou-a com gestos delicados que fizeram exalar o perfume que pensava extinto para sempre. O mesmo gesto de mãe, minha mãe.

Foi ela, a tua neta, que me telefonou para esta terra distante a anunciar o resgate da tua alma, porque ela sabia quem tu eras minha mãe.

Sei onde estás e a Catedral de Santa Maria, em Sydney, foi o lugar onde fui confidenciar o tributo e o respeito do meu reconhecimento pela dedicação generosa de uma vida entregue à Casa do Gaiato, minha mãe.

Partiste e estás no lugar que mereces. Todas as mortes são iguais, mas enquanto umas têm o peso de uma pena, a tua tem para mim o peso de uma montanha, minha mãe, D. Diamantina.

Descansa em paz e até um dia.

O teu, 'Quim do Porto'

tecto, sem roupas, sem haveres. Quantos deles passaram noites e noites à procura dos que, por certo, morreriam se não fosse a Caridade e a Fraternidade que existe dentro do coração de cada um de nós.

Não nos podemos esquecer, também, que foi graças à Caridade e à Fraternidade que os Pobres tiveram também, desta vez, boas festas de Natal. Estávamos com receio, mas nunca perdemos a fé n'Aquele que tudo vê e a todos atende. É certo que tivemos de cortar em algumas coisas, mas o essencial foi entregue — e até muitos mimos!

Nestes dias esteve presente o Deus da Caridade, o Deus da Fraternidade, enfim, o Deus do Amor. Afinal, nem tudo está perdido no ser humano. Há quem pense que a Humanidade está perdida! Mas parece que não é bem assim. Deus põe-nos à prova através destes factos.

Não é só. Não fora a Fraternidade e a Caridade existentes em cada um dos nossos corações, como existiria a SSVV? E não são tão poucas! A vontade de Pai Américo — «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — parece estar presente, cada vez mais, em todos os corações. Dar esta Fraternidade, este amor ao mais necessitado, não é fixar na terra a tenda no cimo do Tabor. Mas subir o Calvário, abraçando Jesus, e olhar a Cruz como um Trono.

Na última visita aos Pobres falámos com a senhora que anda a fazer hemodiálise. Desabafou porque já não consegue fazer a comidinha. Não fora o filho mais velho, que não trabalha, teria de ir comer as refeições a uma instituição de caridade. A viúva que tem o filho deficiente, continua sem poder trabalhar. Já conseguiu colocar o filho numa instituição, mas vai ter que pagar 15.000\$00 da reforma que ele recebe. No lar do casal idoso continua a reinar a confusão. Ele continua sentado na cadeira com os pés descalços e roxos, de inchados. Já não diz coisa com coisa. Falámos na ida para um Lar. Mas a ela não há quem a consiga tirar da sua casa. Quando o marido está doente, diz que é ela quem o cura. Não chama o médico para nada. Os netos continuam por lá, o mais velho, sem trabalho; o mais novo, diz que trabalha numa churrascaria.

**SAIBAMOS REPARTIR O PÃO** — De anónima, não se sabe de onde, 10.000\$00. Isa-

bel, de Leiria, cheque de 7.000\$00. J.R.D., sempre presente com 2.000\$00. Assinante 7769, 10.000\$00.

Muito obrigado e Pai Américo interceda por vós, junto ao Pai do Céu.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

### MALANJE

**DESGRAÇA** — Dantes morriam milhares de pessoas trituradas pelas bombas da Unita e pela falta de bens de primeira necessidade. Era triste a vida que cá se viveu.

**TRANQUILIDADE** — Agora, a guerra não é tão intensa, quase que o povo já regressa às sanzalas, a cultivar as terras.

**SECA** — Estamos a caminho de quatro meses sem chuva. A ADRA ofereceu alguns grãos de milho, feijão, jinguba ao povo deslocado, que ficou desgraçado porque a chuva que acelera o seu crescimento desapareceu como se fosse um papel que voa longe e vai para o Céu.

### Angola meu País

Tu, Angola,  
O teu solo só sabe receber e nem sequer sabe dar.  
Quantas vidas pereceram  
E quantas guerras se passam no teu solo?!

Quantos homens deixaram terras,  
Mulheres, filhos e filhas só p'ra te seguirem?!

Quanto ódio, quanta vingança,  
Quanta injustiça e misérias  
Alimentas em teu solo?!

Quantas vidas perdidas nos teus solos  
Sem conhecerem uma sepultura?!

Serás capaz de pagar, essas vidas  
E o sangue derramado nos teus solos?!

Angola, Angola meu País,  
Não vês tantas brechas e palhotas nos teus solos?!...

Adão da Fonseca

**ANÁLISE** — O amor que os Padres da Obra nos têm, é o alimento de que os rapazes das Casas do Gaiato necessitam para atingirem a sua grandeza! Padre Telmo é o melhor instrumento necessário para o nosso crescimento humano.

**ESCUOTISMO** — Andava, por cá, de forma desejada. Mas, por falta de uniformes, livros para formação, tendas para os acampamentos, mochilas para as caminhadas, etc. — fracassou! Graças a Deus, sou caminheiro formador.

Ambriz da Conceição

**AGRADECIMENTO** — Caríssimas Irmãs Dominique e Nazaré: Começo por agradecer à Comunidade, em geral, de um modo particular às Irmãs do Hospital, o contributo que nos deram, especialmente no que toca à nossa saúde. Muito obrigado por tudo. E as maiores Graças na vossa vida quotidiana, em particular na vida religiosa.

Zeca e Manguito

**NÃO À VIOLÊNCIA** — É uma opção de vida, uma recusa da morte, um desejo de paz contra o diabólico instinto da guerra.

Qualquer invasão, agressão, lesão ou assassínio de uma pessoa representa uma violência contra toda a família humana.

O mal que fizermos às crianças, aos jovens, aos idosos, às mulheres, aos doentes, aos fracos... recai também sobre nós e toda a sociedade.

Abandonemos a guerra familiar ou a civil internacional. Vamos seguir o Caminho do Senhor Jesus que nos ensina a sermos não-violentos, mas construtores da paz.

António Jacinto

### Mudanças!...

O Inverno está a despedir-se  
Da Mãe-Terra.  
E a Primavera  
Começa a surgir  
Com as suas quimeras!  
Sinto esta mudança  
Nas minhas ciclicas:  
Energia e alegria!

Deixei de jogar no totoloto  
E no totobola  
Porque não tenho sorte.  
Mas... tenho sorte  
Com a constância  
Da Juventude  
Da qual não sou imune!

Manuel Amândio

### Crónica de Moçambique

Moçambique, as montanhas dos Pequenos Libombos e as suas gentes atraem-nos. Uma felicidade e um estado de espírito de interioridade, reforçado naquele local coberto com uma cúpula de aço e capim, sentado naqueles degraus de rocha e cimento, contemplando aquele Cristo incrustado na pedra e tela da Anunciação Redentora, conjunto harmonioso e belo, leva a encontrarmos-nos e a encontrá-lo.

A palavra cólera era-me familiar, mas viver com a realidade à minha volta e tomar conhecimento do seu mal e da velocidade com que se propaga, estava muito longe do meu conhecimento. Foi o meu primeiro acto válido, passar o sábado natalício a fazer camas

## DOCTRINA



Do que nos é preciso

**P**ARA dizer num instante toda a verdade, nós temos necessidade de tudo quanto vai da letra A ao Z, mas não se conta que tu dê tudo, não senhor. Os mais, também hão-de dar. Esta Obra é de todos os portugueses, nomeadamente dos portugueses que têm fama da generosidade de comerem tripas para dar carne.

**S**E as Casas do Gaiato houvessem de perecer, isso seria a bancarrota social dos tempos presentes e nós, a massa falida. Mas não. As cartas que diariamente se recebem dos quatro ventos do País, com dolorosos S.O.S.; o pequenino que vem pelo seu próprio pé rogar abrigo; o ámen dos homens de inteligência e de coração; e, acima de tudo, o pavoroso desmoronar do Mundo, feito do desmoronar destas vidas inocentes — tudo isto é fundamento onde a Obra se segura.

**R**OUPAS usadas dos teus filhos, quer do corpo quer da cama. Fatos, à medida que vai passando a mocidade. Qualquer coisa com que possamos cobrir os Nus e que traga ainda nos fios o calor dos teus mais queridos. Nós não usamos nem queremos uniformes. Somos uma grande Família. E, como sucede nas casas pobres, vestimos os filhos do que calha. Remenda, dobra e entrega o pacote da tua mão que tudo vai dar a Paço de Sousa. Se o fizeres pessoalmente, à maneira que fores topando nas ruas a criança sem destino, podes dizer baixinho: «Quem sabe se esta roupa não vai cobrir o teu corpo, meu filho!» Saboreia a felicidade que Jesus canonizou.

**D**EIXA ficar no mesmo Depósito uma telha, uma pedra, um barroto, um tijolo, qualquer coisa que dê para construções ou dinheiro para adquirir. Vai ao Banco, pergunta pela conta da Casa do Gaiato das Ruas do Porto e abre sinal. Não esperes pelo Deixo da hora derradeira que isso fazem os pagãos. Dá agora e vive a vida. Aproveita a hora que passa; caminha enquanto há luz. Ele há ainda tanta gente no Mundo que nesciamente se ocupa de ver como há-de alargar para recolher, quando o verdadeiro problema está no poupar para distribuir!

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

caminhadas nas margens da linda Baía meditei, interroguei-me, procurei erros e virtudes.

Há trinta e nove anos «subi» aquele Índico a bordo do navio Império para ser despejado em Pemba — Porto Amélia. Tinha planeado voltar a esse e outros locais, em especial o que me acolheu durante dois anos e meio, Ocua.

Fui recebido, em Pemba, por Padre Elias Pedro, amigo de longa data. Hospedado no Seminário Propedéutico da Diocese, do qual foi Reitor até ao momento, com honrarias de gente grande. Acompanhou-me a Ocua e, na Missa dominical na Sé Catedral, apresentou-me como filho de Pai Américo e servidor da sua Obra. Tive de dar a cara e dizer aos presentes que assim é, e que Moçambique ajudou muito a reforçar a minha entrega com generosidade.

Joaquim Gomes

— tarimbas — para o hospital de Boane e Centros de Saúde das aldeias à nossa volta. Num dos Centros dá entrada uma senhora em trabalho de parto. Tudo correu bem. Mas a bebé fica órfã porque a mãe foi ceifada pela cólera. Aquela menina nos braços daquelas heróicas mulheres que não sabem o que é o descanso, logo a baptizaram de Esperança Colérica. Não é anedota, mas sinal deste Povo Mártir.

Ano e meio após o lançamento da casa de praia, no Bilene, acompanho um turno de férias. São trinta e cinco rapazes dos três aos dezoito anos. Quem diria que passados quarenta e dois anos da última cheira voltaria a ser um deles, apesar de no estado de avô. Em longas



Com seu gesto, o filho mais novo parece dizer: «Para que eu cresça com harmonia, a casa tem de crescer com harmonia!»

# Património dos Pobres

**E**M dia de muitos acidentes no nosso País, fomos, passando por aquela ponte que nesse dia seria o fim trágico de muitas vidas, visitar irmãos nossos que vivem de modo trágico suas vidas.

Já muito perto do local onde moram, passámos por acidente que ceifara a vida aos ocupantes destas máquinas tantas vezes voadoras que chamamos de automóveis. Ficamos a pensar se não será de exigir que tenham carta de pilotos voadores os que as conduzem, para se adequarem ao modo como o fazem. Talvez assim tenham unhas para os pilotarem! Contente fico por o nosso não dar mais de 100 à hora.

Uma Irmã religiosa aguardava-nos e conduziu-nos ao local em que vivem aqueles por quem fizemos esses quilómetros. Por vielas estreitas a eles chegámos. À porta, estavam quatro rapazes entre os 4 e os 11 anos que, com suas duas irmãs um pouco mais velhas, são a prole que ainda ali vive com seus pais. Um deles, chamado Américo, foi à nossa frente ao encontro da mãe. Foi no pequeno pátio de sua velha casa que ela nos acolheu. Herdou-a de sua mãe, onde tem criado os oito filhos que trouxe à luz. Uma pequena sala-cozinha e dois quartos

compõem a habitação que em tempos há muito idos, foi construída para albergar pequenos caseiros agrícolas.

Há alguns anos adquiriram uma outra, com ela geminada, que lhe era em tudo semelhante, embora em muito pior estado. Uma ajuda de organismos oficiais, permitiu-lhes refazer o telhado e construir uma placa para o andar. Aqui, querem criar algumas divisões onde os filhos possam crescer. Mas está tudo ainda em bruto. Só a casa-de-banho foi terminada. Há ainda muito por fazer.

Pomo-nos a medir a obra feita, que, fisicamente, é muito pequena. Olhamos para os membros desta família e vemos como é grande a mãe que a sustenta! Quase sozinha, leva sobre os ombros o cuidado de todo o agregado familiar. É agora a filha mais velha que está em casa, que se lhe põe ao lado e a ajuda a carregar o trágico da vida que vem marcando seus

dias; é o desnorte do pai, de há alguns anos a esta parte.

Neste ambiente, os irmãos mais novos sorriem, numa inocência complacente. É o seu pai; não o rejeitam, querem-no! Talvez só eles sejam capazes de compreender as razões que a razão não conhece.

Afigura-se-nos que estas vidas trágicas resultam de condições de vida sem esperança. Não é por muito querer, mas por nada ter. E a precisar tanto pois se a família quintuplicou!

Quando os caminhos dos homens são trágicos, muitas vezes o fim é-lhes proporcional. Nas obras que fazem e nos rumos de vida que tomam.

Queremos fazer algo que possa remediar tanto desnorte. Todos havíamos de fazer algo, pois são múltiplos os casos gritando em desespero.

Os cireneus continuam a ser precisos; Cristo continua a requisitá-los para acudir aos seus irmãos em quem Ele padece.

Padre Júlio

## Cultura da Vida

Continuação da página 1

*mórbida, repetitiva, saturante: quer com as pessoas mergulhadas em dor, que se não ofende com perguntas vãs, antes se acompanham em silêncio e discreção; quer com o relato exaustivo de diligências estereis porque impossíveis de salvar as vidas perdidas e frustrante e cruel para os seus familiares. A estes nenhuma outra força pode confortar senão a sua fé nem outro desabafo melhor que a oração pelos seus; e a prestação providencial, justa e atempada, de meios aos que ficaram mais debilitados quanto à sua subsistência e saúde.*

*E há todo um outro grupo, muito mais numeroso, a quem o desastre vai tornar a vida mais pesada nas deslocções imparáveis que a vida lhes exige. A uns e outros que não faltem as atenções e energias, nestes dias tão dissipadas no oportunismo gêmeo do sensacional, quando vierem outros dias que apaguem as luzes sobre esta inesperada ribalta de tragédia.*

*Do nosso cantinho agradecemos a presença activa e discreta dos pastores destes povos tão sofridos e sabemos que ela será perseverante. Eles crêem firmemente que a Igreja que servem é a Igreja dos Vivos.*

Padre Carlos

## PENSAMENTO

**O Mestre teve infinito cuidado em preparar a Sua primeira gente e mandava os obreiros sem nada, a conquistar. Quem me dera ter visto as malas de Francisco Xavier!**

PAI AMÉRICO

**O**S técnicos da ciência vêm dizer-nos sobre «crianças em risco» que «nenhuma é completamente doente».

A nossa experiência de largas décadas confirma perfeitamente a fidelidade desta afirmação.

O Padre Américo disse-o de forma mais geral e abrangente: «Não há rapazes maus».

Com ela fez-se um filme que andou, naquele tempo, nas bocas do mundo e ficou no ouvido de muitos portugueses, e não só.

Não se fixou o amigo dos garotos da rua, na simples verificação. Não. Deu passos em frente. Pouco a pouco, foi entendendo que não havia melhor terapeuta que o próprio rapaz. Ele sim. Ele na descoberta de si próprio descobrindo os outros. Guiado. Contido. Amparado. Encorajado. Mas

## SETÚBAL

# O método de Pai Américo

sempre ele. O rapaz com a sua intuição, as suas experiências vividas, bem orientado e de consciência limpa é, de longe e sempre, quem acerta melhor nas feridas e lhes dá o melhor remédio.

Cientificamente nunca ninguém ensaiou este método. Penso mesmo que os cientistas do interior humano rejeitarão este desafio, mas ele está aí, feito numa Casa do Gaiato. Estas coisas da vida são reveladas aos pequeninos e ignorantes e escondidas aos sábios e inteligentes.

Uma Casa de rapazes com pilares de Família: *Mães* com amor, intuição e a técnica que

a experiência sempre dá e se vai aprendendo com quem sabe; *Pai* com a doação gratuita e total da sua vida em todos os momentos do tempo e todos os espaços do coração; *Irmãos* numa comunicação e comunhão natural, não fictícia nem imposta nem técnica, mas tão espontânea como a água das fontes inesgotáveis, tecida ainda na vida simples, como a de toda a gente vulgar, constitui, a nosso ver, a melhor medicina para os distúrbios interiores de cada rapaz provocados pela falta da família e pela exposição ao ambiente humano profundamente degradado em que vivemos.

A Fraternidade que os rapazes geram uns com os outros nas discussões, nas lutas, nos ciúmes, na amizade sincera, limpa e, às vezes, interesseira, nas ajudas, e, sobretudo, num ambiente sem fronteiras, é só de si um fortíssimo amparo nas suas dificuldades interiores. Os rapazes são muito amigos uns dos outros. O facto da sua história ser comum tem, nisso, um peso de valor incalculável.

O Zeca veio de Malanje, mandado por Padre Telmo, para ser tratado a uma doença óssea ainda não diagnosticada. Alojámos-lo num quarto da casa um para evitar qualquer contágio.

Está connosco, há oito dias. Tem 14 anos. Não tem ninguém de família, a não

ser a nossa Casa do interior angolano.

Ficou doente um dia, no quarto, com dores de cabeça.

Se visses o corropio de rapazes a ver o Zeca e a fazer-lhe companhia!... Levantavas como eu as mãos a Deus em louvores indizíveis.

É a Fraternidade.

Mas haverá alguma coisa na vida que lhe saiba tão bem como este calor humano oferecido tão espontaneamente?!

Quem é o psiquiatra ou o psicólogo que consegue chegar tão fundo como os rapazes a eles próprios?...

Esta é, sem dúvida, uma terapia natural.

Padre Acílio

# Benguela

Continuação da página 1

estar contentes pelo bem que fazem! As nossas mãos agarradas às vossas fazem um cordão por onde circula a vossa partilha até aos destinatários. Todo o material escolar ajuda a dar pão à inteligência. Acontece, muitas vezes, que é material fora de moda, af. Para cá, é condição necessária para estar na escola. Quem nos dera não falte nunca o material escolar!

Por tudo o que vai nestas notas percebeis que a vida é mais forte do que a morte. Queremos que a vida avance. Ontem à noite, alguém veio dizer-nos que havia rumores de alguma insegurança, à nossa volta. Confiamos. O bem é mais forte. Obrigado!

Padre Manuel António.

# Cartas

## Trabalho original

«Agradeço o vosso Jornal, tão importante é o seu conteúdo e a vida que transmite. Lê-lo, é, para mim, uma oração. Faço votos para que continuem este trabalho tão importante e tão original, pois deveriam ser modelo nesta sociedade de facilismos.

Assinante 11689»

## Marcar a vida

«Quando, neste tempo jubilar, ouvimos dizer a João Paulo II que tanto a vida como os bens materiais que possuímos, os recebe-

mos de Deus e nos foram confiados para lhes darmos bom uso, não podemos continuar indiferentes e fazer 'ouvidos de mercador'.

Também porque queremos marcar, de forma diferente, a nossa vida, neste tempo, enviamos um cheque na tentativa de sermos um pouco desculpados pela maneira como nos temos comportado, não correspondendo ao muito que nos dão com a leitura d'O GAIATO.

Assinante 62291»

## Caridade cristã

«Através d'O GAIATO tenho a certeza de que a Caridade cristã ainda não desapareceu. Há almas generosas que vivem exclusivamente a pensar no bem do Semelhante.

Assinante 17731»